

**NOME SIM, NOME NÃO –  
A MANIPULAÇÃO DA PALAVRA EM ARNALDO ANTUNES**

*Jorge Fernando Barbosa do Amaral* (UFRJ)  
[jfbamaral@gmail.com](mailto:jfbamaral@gmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho analisa os caminhos traçados por Arnaldo Antunes no exercício de exploração da palavra em seus mais variados aspectos. O artigo lança um olhar sobre a obra do artista, no intuito de verificar como, ao mesmo em que desenvolve sua produção sob o signo da simultaneidade entre as linguagens, ele utiliza os meios específicos de cada uma delas para atingir potencialidades diferentes da palavra. Para isso, o trabalho se detém em questões que passam pela filosofia da linguagem, com a discussão da relação signo-objeto, desenvolvida a partir das ideias de Saussure, Bakhtin e Wittgenstein

**Palavras-chave:**

Arnaldo Antunes. Filosofia da linguagem. Signo-objeto. Saussure. Bakhtin

**1. Primeiro nome**

A origem da poesia se confunde com a própria origem da linguagem. (ANTUNES, 2006, p. 323)

A epígrafe acima é parte de um texto chamado *Sobre a Origem da Poesia*, um livro-programa do espetáculo *12 Poemas para Dançarmos*, de Gisela Moreau. Nele, Arnaldo Antunes defende a ideia de um possível momento em que a linguagem não tinha seu poder de significação preso a uma referência exterior específica. Isso, na verdade, diz respeito a certo pensamento primitivo, característico do homem pré-histórico, ainda distante da cientificidade da linguagem referencial. No referido texto, Arnaldo lança mão de uma reflexão de Mikhail Bakhtin sobre certa “*complexidade* do pensamento primitivo” (ANTUNES, 2006,

p. 324), em que esse “homem pré-histórico usava uma mesma e única palavra para designar manifestações muito diversas, que, do nosso ponto de vista, não apresentam nenhum elo entre si.” (*Idem, ibidem*). Segundo Bakhtin, “uma mesma e única palavra podia designar conceitos diametralmente opostos: o alto e o baixo, a terra e o céu, o bem e o mal etc.” (*Idem, ibidem*). Ao fazer coro às palavras do filósofo, Arnaldo relativiza a ideia de linguagem como mero instrumento de representação das coisas, e afirma seu entusiasmo, mesmo que com certo grau de utopia, em relação a “uma possível infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades – significante e significado.” (*Idem, ibidem*, p. 323)

Quando fala da existência da relação entre significante e significado como resultado de um afastamento da linguagem de um suposto (e um tanto utópico) momento original, Arnaldo se refere aos conhecidos estudos de Ferdinand de Saussure acerca do signo linguístico e suas propriedades. Neste sentido, a arbitrariedade sígnica, que necessariamente liga um significante a um significado específico, é o ponto de dissolução da suposta infância da linguagem. Quando se afirma que uma palavra tem uma ligação arbitrária com uma referência externa, tira-se dela a importante propriedade de se referir a várias outras coisas do mundo. A poesia, então, vem para resgatar essa integridade e restituir a íntima relação, que, como afirma Arnaldo, se realiza com seus “paradoxos, duplos sentidos, analogias e ambiguidades para gerar novas significações nos signos de sempre.” (*Idem, ibidem*, p. 324)

Em *Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance*, Mikhail Bakhtin confirma essa perspectiva natural do discurso poético:

Nenhum domínio da cultura, exceto a poesia, precisa da língua na sua totalidade: o conhecimento não tem nenhuma necessidade da complexa originalidade da face sonora da palavra no seu aspecto qualitativo e quantitativo, da multiplicidade das entonações possíveis, do sentido do movimento dos órgãos de articulação, etc.; pode-se dizer o mesmo dos outros domínios da criação cultural: todos eles não vivem sem a língua, mas tiram dela muito pouco.

É só na poesia que a língua revela todas as suas possibilidades, pois ali as exigências que lhe são feitas são as maiores: todos os seus aspectos são intensificados ao extremo, alcançam seus limites; é como se a poesia espremesse todos os sucos da língua que aqui se supera a si mesma. (BAKHTIN, 1993, p. 48)

Neste sentido, tanto para Arnaldo quanto para Bakhtin, é natural ao discurso poético o rompimento dessa limitação provocada pela linguagem referencial. Os recursos utilizados pela poesia no tratamento da

palavra a abrangem de todos os lados possíveis. Superando as limitações da linguagem referencial, a poesia dissolve a relação arbitrária entre um significante e o significado específico, e liberta o signo linguístico de sua limitada atribuição de representação das coisas.

Pode-se perceber que temos aí um confronto de perspectivas em relação à linguagem. De um lado, temos Saussure em sua postura de defesa da ligação arbitrária entre o significante e o significado. E de outro, Bakhtin, que questiona a soberania dessa arbitrariedade, sobretudo no discurso poético. No entanto, os argumentos de Bakhtin confrontam Saussure não apenas no campo da poesia. De uma forma geral, a arbitrariedade signíca é questionada por Bakhtin, sobretudo porque a desloca de seu aspecto social, fazendo com que a linguagem seja um organismo alheio às movimentações sociais do indivíduo. Neste sentido, cabe aqui o levantamento de uma pequena discussão sobre tal questão linguística, levando em consideração o confronto entre a visão positivista de Ferdinand de Saussure e a postura marxista de Mikhail Bakhtin.

## 2. *O signo além da arbitrariedade*

Ao estipular o que poderia ser o objeto de estudo da linguística, o suíço Ferdinand de Saussure, um dos pais da linguística moderna, em seu clássico *Curso de Linguística Geral*, apresenta a linguagem como possuidora de um lado social e um lado individual, sendo absolutamente impossível a concepção de um sem o outro. A partir dessa concepção, Saussure afirma que a língua (*langue*) é o veículo através do qual a vertente social da linguagem se concretiza. Ao passo que a fala (*parole*) estaria fora de seus interesses, já que ela não representaria uma manifestação propriamente social, mas sim o reflexo da movimentação particular de um indivíduo numa comunidade linguística.

Para Saussure, a fala está condicionada a um sistema maior, que estabelece um conjunto de regras já preexistentes ao qual o indivíduo permanece submisso de forma involuntária, uma vez que tais regras já se encontram instituídas em seu inconsciente. Assim, o indivíduo não tem o poder de alterá-lo, sendo obrigado a se movimentar nos limites estabelecidos por esta organização.

A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre indivíduos. Trata-se, pois, de algo que

está em cada um deles, embora seja comum a todos e independa da vontade dos depositários (SAUSSURE, 1995, p. 27)

Quando afirma que a língua não é vulnerável à movimentação dos indivíduos, Saussure confirma o caráter social da língua, em contraposição à fala, um fenômeno puramente individual. Ele, então, estabelece a conhecida dicotomia entre língua e fala (*langue x parole*). Estando, esta última, fora de seus interesses, no que se diz respeito à linguagem como fenômeno social.

Neste sentido, pode-se perceber que Saussure encara a língua como um organismo estático e petrificado, que não está sujeita a ações de fenômenos extralinguísticos. Vem, então, dessa noção de imutabilidade da língua, a ideia da natureza arbitrária do signo linguístico. Para ele, a língua nada mais é do que um sistema de signos formados pela união de um sentido e de uma imagem acústica. Sendo o sentido a projeção mental de um objeto ou da realidade social a que pertence o indivíduo. Ou seja, é a ideia ou o conceito de uma determinando objeto: o *significado*. Ao passo que a imagem acústica é uma representação sonora íntima, de caráter psíquico, e que o mestre genebrino chama de *significante*.

Ora, essa relação entre significante e significado, para Saussure, é totalmente arbitrária. “Assim, a ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante”. (*Idem, ibidem*, p. 81). Mesmo assim, a relação entre eles é incontestável. É essa relação, que mesmo não sendo natural está já preestabelecida numa comunidade linguística, a que o indivíduo está sujeito. Não há nenhum tipo de manifestação extralinguística que possa alterar essa ligação. O que quer dizer que o sistema linguístico não está sujeito às ações da comunidade de falantes. Ao contrário, é essa comunidade que irá apenas refletir a estabilidade da realidade social da língua.

Em contraposição a essa teoria saussureana de língua, o filósofo russo Mikhail Bakhtin redimensiona o papel social do indivíduo no campo de significação do signo linguístico. Se para Saussure a língua constitui um sistema de signos linguísticos estável e imutável, para Bakhtin, embora esses signos conservem seus valores antigos, ela está sempre sujeita a modificações, de acordo com a movimentação social em que o indivíduo está inserido. Segundo Bakhtin, o signo é um palco de lutas de classes, por isso, todos os signos estão marcados, desde sua essência, por valores ideológicos. E a palavra seria o signo neutro e ideológico por excelência. Essa neutralidade da palavra explica-se pelo fato de ela ser o

veículo em que a realidade ideológica e as formas de organização de pensamento social são explicadas.

Obviamente, a palavra não pode substituir outros signos, como os gestuais ou pictóricos, mas todos os outros signos podem ter sua existência ou faculdade interpretativa intermediada por ela. Ao contrário de Saussure, que considera que a manifestação ideológica de um indivíduo está limitada a uma realidade social imutável e representada pelo caráter estável da língua, Bakhtin acredita que a língua, ou o sistema de signos linguísticos, está sujeita a uma série de alterações, devido justamente à sua vulnerabilidade em relação às movimentações sociais do indivíduo.

Para Mikhail Bakhtin, em oposição ao que diz o linguista suíço, a fala não deve ser menosprezada, pois é através dela que a língua se manifesta. Uma manifestação social se realiza por meio do convívio entre falantes, ou seja, da troca de enunciados (conjunto de signos ideológicos) entre usuários de uma língua. Então, se a concretização do sentido de uma língua está sujeita à realidade social de seus falantes (entenda-se *social*, aqui, em seu sentido mais amplo, ou seja, tudo o que possa estabelecer uma comunicação entre dois ou mais usuários de uma língua), pode-se dizer que o sentido de uma palavra está condicionado ao momento social em que seu usuário se encontra.

Como afirma o filósofo russo:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1997, p. 81)

Assim, pode-se entender que o sentido de uma palavra em nenhum momento é imutável. Antes, ela pode mudar de sentido, conforme a posição encontrada por aquele que a emprega. Como afirma o francês Michel Pêcheux, filósofo que faz coro às palavras de Bakhtin, “O sentido de uma palavra não existe em si mesmo, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão no processo sócio-histórico no qual palavras, expressões e proposições são (re)produzidas.” (PÊCHEUX, 1997, p. 160) E é por isso que se afirma que a palavra é um signo neutro, pois ela se apresenta como uma espécie arena de conflitos ideológicos, onde todas as movimentações sociais são refletidas e refratadas. Ao contrário de Saussure, que considera a língua como um organismo abstrato, que se mantém alheia à realidade social em que se encontra, para Bakh-

tin, ela é essencialmente concreta; e é a fala (tão menosprezada pelo linguista suíço), realizada pelo indivíduo envolvido em toda uma realidade social específica, que vai moldar e delimitar seus limites.

Como Saussure morreu em 1913, e as primeiras obras de Bakhtin são da década de 1920, o primeiro não tomou conhecimento das teorias do segundo. Mas Bakhtin entrou em contato com o *Curso de Linguística Geral*, e reconheceu a importância de Saussure para a instituição da linguagem como objeto de estudos científicos. Mas incompatibilidades ideológicas o impediram de entrar em consonância com seu antecessor. Saussure vem de uma realidade filosófica dominada pelo pensamento positivista, que não toleraria ter como objeto de estudo algo tão vulnerável a instabilidades de conflitos sociais. Daí vem a preferência de Saussure pela da língua, em vez da fala, e da sincronia, em vez da diacronia. Já Bakhtin é um marxista, e desconsiderar a questão social como algo dinâmico e determinante seria impensável. O indivíduo enquanto ser social é essencial para o estudo da evolução e realidade da língua. Esta, para Bakhtin, não é um organismo abstrato e estático, que está além da realidade do falante. Antes, ela é inteiramente vulnerável a ele. Por isso a preferência do filósofo russo pela fala, justamente por ela refletir o alto grau de instabilidade linguística de um grupo social.

É importante esclarecer que o posicionamento de Bakhtin nos auxilia na percepção da postura de Arnaldo em relação à linguagem. As ideias bakhtinianas nos fornecem um bom instrumental ideológico para percebermos a inclinação de Arnaldo no que diz respeito às múltiplas possibilidades significativas da palavra. No entanto, é difícil escapar à ideia de arbitrariedade quando o que está em questão é a linguagem verbal. Embora as ideias de Bakhtin nos pareçam mais lógicas e ideologicamente compatíveis, a postura cientificista de Saussure não nos deixa esquecer do alto poder do caráter representativo da língua, e de como é difícil se afastar desse princípio da arbitrariedade. No poema “Nome não”, Arnaldo Antunes demonstra o quão paradoxal pode ser a busca por coisas num universo governado por nomes:

Os nomes dos bichos não são os bichos.  
Os bichos são:  
macaco gato peixe cavalo vaca elefante baleia galinha.

Os nomes das cores não são as cores.  
As cores são:  
preto azul amarelo verde vermelho marrom.

Os nomes dos sons não são os sons.

Os sons são.

Só os bichos são bichos.

Só as cores são cores.

Só os sons são

som são

nome não

Os nomes dos bichos não são os bichos.

Os bichos são:

plástico pedra pelúcia madeira cristal porcelana papel.

Os nomes das cores não são as cores.

As cores são:

tinta cabelo cinema céu arco-íris tevê.

Os nomes dos sons (ANTUNES, 1993, s./p.)

O título do poema – “Nome não” – já sugere uma tentativa de se escapar do ato da nomeação. No entanto, o próprio fato de o poema ter um título, ou seja, um nome, já pode nos indicar o grau de paradoxalidade do problema. Ao mesmo tempo em que percebemos que Arnaldo chama a atenção para as limitações da linguagem denotativa, que não incluem as coisas em seu universo de atuação, apenas as representam, ou seja, o ato afirmar a existência de algo a partir de sua representação verbal não concretiza a presença do objeto, “Os nomes dos bichos não são os bichos”, ele não escapa ao fato de que, verbalmente, não há como se referir à coisa sem que se utilize o signo linguístico que arbitrariamente está ligado a ela “Os bichos são:/ macaco gato peixe cavalo vaca elefante baleia galinha.”

Chama a atenção a referência ao elemento sonoro nesse poema,

Os nomes dos sons não são os sons.

os sons são. (...)

Só os sons são

som são”,

que parece indicar que a palavra oralizada teria a propriedade de diminuir a tensão entre ela e a coisa a que se refere. Como se, oralizada, a palavra estivesse mais próxima do objeto pelo fato de ser ela mesma um som, logo, algo que o poeta não consegue nomear. Não podendo ser nomeado, o som (entenda-se “som” aqui como palavra oralizada) acaba se afastando

um pouco do caráter representativo da palavra escrita convencional, e se tornando ele mesmo uma coisa. O poema de orelha de *Psia*, de 1986, acrescenta elementos bastante significativos para o desenvolvimento dessa questão:

(...)  
Eu berro as palavras  
no microfone  
da mesma maneira com que  
as desenho, com cuidado,  
na página.  
Para transformá-las em coisas,  
em vez de substituírem  
as coisas.  
(...) (*idem*, 1998, orelha da capa)

Quando o poeta afirma que berra as palavras no microfone para transformá-las em coisas, ele projeta a palavra oralizada num patamar distinto da palavra convencionalmente escrita. É importante lembrar que grande parte da obra de Arnaldo Antunes vem acompanhada de versões sonorizadas de seus textos. Por isso, pode-se perceber que o som é um elemento caro à poesia Arnaldeana, uma vez que ele representa um elemento concreto na constituição da palavra. Além de se constituir numa possibilidade de linguagem não baseada necessariamente na representação. Ou seja, uma espécie de atalho entre a palavra e a coisa. “Um hiato a menos”.

Nas últimas estrofes de “Nome não”, Antunes se desloca um pouco da referencialidade direta e acrescenta um elemento a mais na complexidade da questão nominativa. Num afã de escapar da rede paradoxal da linguagem denotativa, o poeta se esquivava da nomeação direta,

Os bichos são:  
plástico pedra pelúcia madeira cristal porcelana papel,

para falar dos bichos. Para se referir, por exemplo, a “macaco”, ele se refere a “plástico”, num intuito de trazer um “macaco de plástico”, no sentido de afirmar que a ideia de um macaco pode ser evocada não necessariamente com o significante “macaco”, mas com outras palavras que, de alguma forma, podem trazer à tona a presença do significado de “macaco”.

Esse recurso utilizado pelo poeta pode ser melhor entendido se recorrermos às ideias do filósofo Ludwig Wittgenstein (1989). Pois, na mesma forma que Bakhtin nos ajudou a entender a postura ideológica de Arnaldo em relação aos mecanismos de funcionamento da linguagem, as



ideias de Wittgenstein podem ser de grande valia para entendermos como o poeta aplica suas convicções linguísticas em seu fazer poético.

### 3. *Os jogos além do nome*

O fato de Arnaldo adotar uma postura bakhtiniana em relação à linguagem não significa que ele transite tranquilamente fora das fronteiras da arbitrariedade sígnica. Na verdade, como já podemos verificar, o que ocorre é um árduo embate entre o poeta que resiste ao incessante ato de nomear e o imenso universo governado pelo ideal de representatividade da língua. O poeta resiste, mas se vê preso a uma rede linguística denotativa da qual apenas os recursos típicos do fazer poético tem o poder de libertá-lo. No entanto, em alguns momentos, Arnaldo lança mão de um discurso quase científico para afirmar suas convicções.

O filósofo Ludwig Wittgenstein, em seu *Investigações filosóficas*, aponta exatamente para esse tema quando questiona a afirmação de Santo Agostinho, que defende “uma determinada imagem da essência da linguagem humana” (da qual o próprio Wittgenstein fora defensor em seu *Tractatus logico-philosophicus*, obra considerada da primeira fase do autor) de que “as palavras da linguagem denominam objetos” (WITTGENSTEIN, 1989, p. 9) Para Wittgenstein, essa noção agostiniana, mesmo sendo a base para o processo de funcionamento da língua, não daria conta dos muitos contextos e possibilidades de utilização das palavras, pois diz respeito a um tipo de linguagem primitiva, como exemplifica o próprio filósofo:

Pensemos numa linguagem para a qual descrição dada por Santo Agostinho seja correta: a linguagem deve servir para o entendimento de um construtor A com um ajudante B. A executa a construção de um edifício com pedras apropriadas; estão à mão cubos, colunas, lajotas e vigas. B passa-lhe as pedras, e na sequência em que A precisa delas. Para esta finalidade, servem-se de uma linguagem constituída das palavras “cubos”, “colunas”, “lajotas”, “vigas”. A grita essas palavras; - B traz as pedras que aprendeu a trazer ao ouvir esse chamado. – Conceba isso como linguagem totalmente primitiva. (*Idem, ibidem*, p. 10)

Se para Bakhtin, o sentido de uma palavra está ligada a sua situação social, para Wittgenstein, ela está ligada a traços muitos mais íntimos do indivíduo. Algo inserido no momento muito específico e particular da situação do emprego da linguagem. Na verdade, Bakhtin se preocupa mais com os enunciados que são definidos pela união de contexto e enunciação, entendendo-se o contexto, como momento histórico, cultural

e social em que se encontra o indivíduo e a enunciação, o termo pelo enunciado se realiza. Esse tipo de utilização da linguagem, correspondente à descrição agostiniana, está relacionado ao ato de definição ostensiva do objeto, isto é, aponta-se para algo e dá-se a ele um nome. O ensino de uma palavra é concretizado a partir de tal ato de ostensão. Esse modelo de definição ostensiva, para Wittgenstein, no entanto, não permite que se conheça a palavra propriamente, e sim, a coisa que é nomeada por ela. Para que uma palavra seja realmente apreendida, o filósofo propõe o princípio do “ensino ostensivo”, que permite conhecer a palavra, não necessariamente a partir da coisa que ela nomeia, mas sim pelo uso que de faz dela. Conhecer a palavra seria tomar conhecimento de seu significado a partir de determinadas situações de uso, contextos específicos, que Wittgenstein chama de *jogos de linguagem*. O modelo de definição ostensiva, defendida por Santo Agostinho, diz respeito a um jogo de linguagem primitivo. No entanto, como afirma Sílvia Faustino, podemos medir o grau de importância da linguagem primitiva quando percebemos que ela estará na base de qualquer jogo de linguagem de maior complexidade:

A inserção do signo no contexto primário de sua aquisição consiste no esforço de se chegar ao jogo de linguagem primordial e originário de seu uso, na qualidade de um jogo de linguagem que *prepara* outros usos possíveis daquele signo. A reflexão sobre o ato de “apontar”, ato da “ostensão”, ganha importância na medida em que esse ato está presente no contexto básico do aprendizado da linguagem em geral: as crianças aprendem ostensivamente o nome das cores (lição de linguagem: aponta-se para objetos coloridos e pronuncia-se o nome da cor), aprendem também ostensivamente o uso dos primeiros cinco ou seis numerais (lição de linguagem: designa-se o a quantidade de coisas ou objetos apreensíveis pelos olhos) e através do mesmo gesto aprendem o uso dos indicadores “isto, “ali” ou” lá” (lição de linguagem: indicam-se lugares e coisas). Em todos esses casos, pode-se dizer que a ostensão prepara a criança para o uso das palavras. (FAUSTINO, 1998, p. 13)

Já o “ensino ostensivo”, relacionado a um tipo de jogo de linguagem mais complexo não define o sentido de uma palavra apenas pelo seu grau de representação de um determinado objeto. Para Wittgenstein, ensinar uma palavra seria, antes, fazer com que o falante perceba a função dessa palavra em um determinado contexto. Em um determinado jogo de linguagem.

O ensino de uma palavra, na visão de Wittgenstein, seria comparável ao ensino do uso de uma peça num jogo de xadrez: assim como não aprendemos as funções da peça denominada “O rei do xadrez” simplesmente ao nos ser mostrada a forma da figura de um rei, mas ao nos serem mostrados ou descritos lances válidos com esta figura no interior do jogo, assim também não aprendemos o desempenho gramatical de uma palavra (o que podemos “fa-

zer” com ela) num determinado jogo de linguagem pela simples identificação do nome com algum referente, mas pelo exemplo de seu emprego em circunstâncias variadas. Assim, torna-se possível descrever de maneira muito mais adequada o aprendizado do uso das palavras em relação às quais não se pode apontar um referente, tais como os chamados “substantivos abstratos”, por exemplo. (*Idem, ibidem*, p. 15)

O modelo de ensino ostensivo proposto por Wittgenstein nos permite enxergar com mais clareza a relação dos dois extremos de “Nome não”, quando relaciona “macaco gato peixe cavalo vaca elefante baleia galinha” com “plástico pedra pelúcia madeira cristal porcelana papel” ou “preto azul amarelo verde vermelho marrom” com “tinta cabelo cinema céu arco-íris tevê”. O poeta se vale do exercício de denominação convencional (resultado do exercício de definição ostensiva) para dizer, por exemplo, que a palavra “macaco” não é o macaco propriamente dito, e nem tem o poder exclusivo de representá-lo. Assim, como que percebendo o paradoxo de sua atitude, ele se vale do jogo de linguagem para afirmar a deficiência da denominação ostensiva, afirmando que a ideia de um macaco pode também ser representado pela palavra “plástico”, se num contexto específico, estivermos nos referindo a um macaco de plástico. Neste sentido, podemos verificar que o poeta, com utilização do modelo de jogos de linguagem, se não consegue se desvencilhar da teia paradoxal da definição ostensiva, pelo menos consegue confirmar sua limitação do processo de representação do mundo.

Outro poema que demonstra com clareza a fixação de Arnaldo pelo combate à supremacia da definição ostensiva é “Nome”:

algo é o nome do homem  
 coisa é o nome do homem  
 homem é o nome do cara  
 isso é o nome da coisa  
 cara é o nome do rosto  
 fome é o nome do moço  
 homem é o nome do troço  
 osso é o nome do fóssil  
 corpo é o nome do morto  
 homem é o nome do outro (ANTUNES et al., 2005, s./p.)

Todo o texto gira em torno da ideia da imprecisão do conceito. Alguns termos iniciais como “algo”, “coisa”, “isso” têm a propriedade de indicar ao mesmo tempo tudo e nada. “Homem”, por exemplo, indica e é indicado, e, curiosamente, sua constante repetição alimenta ainda mais sua imprecisão conceitual. Tal fato vem reforçar a deficiência da definição ostensiva, que se assemelha ao ato de colar uma etiqueta em algo. Esse modelo, por exemplo, não dá conta de palavras abstratas como “is-

so”, “algo” ou “troço”, que, por si só, não possuem um significado específico, ou seja, não possuem nenhum objeto específico para poder representar. Somente a noção de jogos de linguagem pode atribuir algum significado a essas palavras. Em “Nome”, Arnaldo se farta de denunciar a deficiência prática do simples ato de “colar uma etiqueta à coisa”. Todos os nove versos do poema são sustentados pela expressão “é o nome de”, e, no entanto, nada que está sendo nomeado alcança algum tipo de significação satisfatória.

A canção “O nome disso”, letra de Arnaldo Antunes e música de Edgard Scandurra”, apresenta uma postura semelhante:

o nome disso é mundo  
o nome disso é terra  
o nome disso é globo  
o nome disso é esfera  
o nome disso é azul  
o nome disso é bola  
o nome disso é hemisfério

o nome disso é planeta  
o nome disso é lugar  
o nome disso é imagem  
o nome disso é arábia saudita  
o nome disso é austrália  
o nome disso é brasil

como é que chama o nome disso?  
como é que chama o nome disso?  
como é que chama o nome disso?  
como é que chama o nome disso?

o nome disso é rotação  
o nome disso é movimento  
o nome disso é representação

the world for what this is name  
the name of this é isso  
o nome disso is place  
el nombre of name space  
el nombre do nome esfera  
o nome disso é ideia

o nome disso é chão  
o nome disso é aldeia  
o nome disso é isso  
o nome disso é aqui

o nome disso é sudão  
o nome disso é áfrica  
o nome disso é continente

o nome disso é mundo  
o nome disso é tudo velocidade  
o nome disso é velocidade  
o nome disso é itália  
o nome disso é equador  
o nome disso é coisa  
o nome disso é objeto  
como é que chama o nome disso?(ANTUNES,1995, faixa 3.)

Também aqui Arnaldo ratifica as limitações do ato de nomear, baseado na definição ostensiva, correspondente ao jogo primitivo de linguagem. O pronome “isso” recebe vários nomes, e quanto mais nomes ele recebe, mais imprecisa fica sua definição. Então, o significado de “isso” só pode ser constatado se verificarmos o jogo de linguagem em que ele está inserido. Tomamos como exemplo, o verso “o nome disso é terra”. Quando o nome atribuído a “isso” é “terra”, é fundamental que se saiba em que contexto (jogo de linguagem) esse “isso” está sendo inserido. Num contexto agrícola, “terra”, que seria o nome de “isso”, teria uma significação diferente de “terra” num contexto astronômico ou no contexto da estrofe, em que “isso” é nomeado por palavras que sugerem a ideia de planeta. Além disso, a constante mudança da nomenclatura de “isso” durante o texto realça ainda mais a imprecisão do ato de nomear, se considerado a partir do jogo primitivo de linguagem.

Para completar, no que se refere ao universo poético especificamente, a palavra rompe a membrana da mera representação das coisas para ser ela mesma a coisa. Na poesia, a palavra torna-se algo manipulável sob os mais diversos aspectos e vai se movimentar a partir de jogos de linguagem fornecidos pela própria realidade poética, como as rimas, aliterações, variações rítmicas, organizações na estrutura do verso etc. Por isso, para Arnaldo Antunes, a poesia é o espaço em que a palavra abdica da limitação do ofício de apenas intermediar a nossa visão do mundo para se configurar ela mesma num mundo à parte, com uma realidade funcional muito particular, que se desenvolverá a partir de suas próprias peculiaridades materiais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Arnaldo. *Como é que chama o nome disso*. São Paulo: Pu-

blifolha, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ninguém*. São Paulo: BMG Ariola, 1995. 1 disco compacto (49 min): digital, estéreo. 7432126593-2.

\_\_\_\_\_ et al. *Nome*. São Paulo: Sony/BMG/RCA, 2005. 1 disco compacto (44 min): digital, estéreo + 1 DVD. 8287673230-2.

\_\_\_\_\_. *Psia*. 4. ed. São Paulo, Iluminuras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Tudos*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. 3 ed. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1993.

FAUSTINO, Sílvia. *Wittgenstein: o Eu e sua gramática*. São Paulo: Ática, 1998.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Trad.: Antônio Che- lini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas. In: *Os pensadores*. Trad.: José Carlos Bruni. Seleção de textos: Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Nova Cultural, 1989.